



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**ÀS VOLTAS COM A LIBERDADE: APONTAMENTOS SOBRE A  
EXPERIÊNCIA DE GRACILIANO RAMOS NO RIO DE JANEIRO  
DURANTE O ANO DE 1937\***

Gabriela de Oliveira Nery Costa\*\*

A proposta de debate trazida nesta comunicação se dá a partir de um recorte aparentemente restrito. Pretendo tratar aqui das experiências de Graciliano Ramos durante o ano de 1937 e esta escolha se dá por alguns aspectos que acredito serem emblemáticos: o primeiro deles é o fato de este ser o ano em que Ramos é finalmente posto em liberdade, após ser mantido preso sem acusação formal, o que se tornara uma prática comum no país especialmente após 1935.<sup>1</sup> No caso de Ramos, como noticiado em reportagem de capa de *O Jornal* de 15 de março de 1936,<sup>2</sup> o autor fora tomado como “elemento subversivo” pelo então Comandante da 7<sup>a</sup>. Região Militar, o General integralista Newton Cavalcanti. De acordo com a folha, os dez presos enviados ao Rio de Janeiro dentro do pacote *Manaus* foram inocentados pelo Juiz Federal Alpheu Rosas e já estavam soltos quando Cavalcanti ordenou a prisão e os despachou à Capital. O segundo ponto reside no fato de ser este, também, um ano particularmente importante

\* Comunicação apresentada no VII Simpósio Nacional de História Cultural, Simpósio Temático 17 - “Imprensa, literatura e cidades nas encruzilhadas da história”, no dia 14 de novembro de 2014.

\*\* Mestranda em História Social pela Universidade Federal de São Paulo – EFLCH/UNIFESP.

<sup>1</sup> Após repressão à Intentona Comunista, movimento que eclodira em 1935, há um claro recrudescimento da perseguição empreendida pelo governo varguistas a elementos considerados subversivos Cf. DULLES, John W. *O comunismo no Brasil, (1935-1945)* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>2</sup> *O Jornal*, 15 de março de 1937, p.1

por ter sido palco do Golpe de Estado desferido por Getúlio Vargas, que deu início ao chamado Estado Novo em novembro de 1937. O terceiro ponto se dá pelo fato de que, na fragilidade de uma libertação tão repentina quanto seu encarceramento, Ramos se encontrava, livre, numa situação permeada por uma profunda insegurança político-econômica. Da Colônia Correcional de Dois Rios e da Casa de Detenção direto para as ruas da cidade do Rio de Janeiro, arranjar-se tornou-se um verdadeiro desafio. Há ainda um último ponto, que diz respeito às fontes.

Existe uma quantidade particularmente significativa de cartas escritas por Ramos durante este ano. Isso se deu porque sua esposa, Heloísa de Medeiros Ramos, após ver efetivar-se a libertação de seu marido, volta para Alagoas para liquidar pendências da família e então se preparar para mudar-se definitivamente para o Rio de Janeiro com os filhos. Nesse meio tempo, Ramos deveria buscar trabalho e alguma estabilidade financeira, mandando cartas semanais à Heloísa lhe contando sobre o cotidiano na capital do país e o andamento desta empreitada.

A partir destas considerações é objetivo deste texto pautar de forma ampla as análises sobre a experiência do autor sob a perspectiva central de que toda produção literária é fruto de um ofício; do trabalho do escritor. Acredito que se atentar para a figura de Graciliano Ramos como objeto de análise possa trazer contribuições para um melhor entendimento não apenas da intelectualidade do período, mas do funcionamento da sociedade de forma mais ampla. Para tanto, ao tomar a obra do autor como fonte de pesquisa histórica, sigo a esteira do pensamento de Sidney Chalhoub<sup>3</sup> para reafirmar a necessidade de se dessacralizar a literatura e compreendê-la como fruto de um trabalho que resulta não apenas da técnica adquirida e da aptidão de seus autores, mas, também, das condições materiais que permeiam a vida e a produção destes indivíduos, das experiências vivenciadas por eles, das contingências e contradições nas quais foram submetidos e que são impossíveis de serem dissociadas de suas produções. Nestes termos, acredito que as obras literárias sejam filhas de seu tempo, dialogam intensamente com a conjuntura e a sociedade em que foram feitas, e jamais podem ser tomadas como antecipadoras de um por vir, como não raro se costuma caracterizar obras clássicas sob a aura do gênio-autor.

<sup>3</sup> CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo. “Apresentação”, em \_\_\_\_ (Orgs) *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

Ramos já era um reconhecido romancista na época em que esteve preso, e basta uma breve pesquisa pelos jornais cariocas, durante ano de 1936, para perceber como seu novo livro era aguardado com grande ansiedade. *O Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Jornal do Brasil*, *Diário Carioca* e o *Diário da Noite* são apenas alguns dos que acompanharam a publicação de *Angústia* e dedicaram espaço em suas páginas às críticas literárias a respeito da obra. Não raro, estes mesmos jornais também deram destaque para a prisão do autor, atribuindo-lhe a pecha de integrante de um “levante vermelho” que se dera no norte do país. Tomando *O Jornal* como exemplo, a folha assim procedeu e reservou a capa de sua edição para noticiar a chegada dos presos à Capital,<sup>4</sup> ao passo que cederia, constantemente, espaço para as publicações de Ramos quando este já se encontrava em liberdade.

Pouco tempo depois de sua saída da prisão, o autor remeteria a esta folha o conto *Paulo*, que é publicado em março, e *Mudança*, que viria a se tornar parte de *Vidas Secas*, sai em dezembro do mesmo ano. Além disso, uma série de críticas literárias e notícias relativas ao autor tomavam aquelas páginas com frequência.

A imprensa, durante os anos de 1930, foi se consolidando cada vez mais como um local de atuação da intelectualidade. Não apenas ela, mas o mercado editorial também passava por grande expansão e, nesta esteira, o ofício de escritor gradativamente se profissionalizava e ia ganhando cada vez mais espaço, seja por conta da dinamização do mercado de livros, seja pela participação nos periódicos de ordem privada ou do Estado. Sobre este último, a intensa sofisticação da burocracia estatal empreendida por Getúlio Vargas atraía intelectuais não apenas para trabalhar em suas publicações, mas também para ocupar postos importantes nas estruturas do governo. Este processo seria vertiginosamente intensificado com o início do Estado Novo, como aponta uma série de trabalhos já clássicos como os de Angela de Castro Gomes (2005), Sérgio Miceli (2001) e Milton Lahuerta (1997).

Graciliano Ramos inseriu-se de forma intensa neste processo. Decidido a manter-se no Rio de Janeiro e a sustentar-se sobretudo com o trabalho de escritor, o autor contribuiu para uma série de periódicos com o intuito sobretudo de garantir sua sobrevivência. Em 26 de fevereiro de 1937, Ramos remete carta a Benjamin de Garay,

<sup>4</sup> *O Jornal*, Rio de Janeiro, 11 de março de 1937

um de seus tradutores argentinos, procurando espaço para publicar na imprensa daquele país. Nela o autor afirma:

“(…) Creio que agora vou começar a trabalhar, embora ainda me sinta um pouco enferrujado. Posso mandar-lhe uns troços para revistas daí, os contos a que você se referiu em um das cartas e que até agora não fabriquei. Você não me conseguiria mais de vinte e cinco pesos por conto, Garay?” (MAIA: 2008, p.43)

A situação pedia certa urgência e, embora o autor estivesse imerso numa rede de intelectuais muito bem estabelecida – como se deixa perceber nas cartas à sua esposa Heloísa de Medeiros Ramos – as coisas demoravam a se efetivar. “Tudo muito vago” como gostava de repetir. Uma evidência de que Graciliano estava, o quanto possível, amparado por uma rede de sociabilidade significativa se encontra na vitória de *Angústia* ao Prêmio Lima Barreto, instituído pela *Revista Acadêmica*, sob o júri de Alvares Moreyra, Mário de Andrade e Aníbal Machado, ainda em 1936. De fato, o autor só iria tecer seus agradecimentos publicamente em junho de 1937, ao escrever uma carta a Murilo Miranda e aos que compuseram o júri. Cabe se deter a ela. As palavras do autor são emblemáticas:

“Esse caso do Prêmio Lima Barreto é diferente dos outros. Parece que não houve precisamente a intenção de julgar um romance nem de saber se o autor dele poderia fazer trabalho menos mau.

Estou convencido de que me quiseram dar uma compensação. Aníbal Machado, Álvaro Moreyra e Mário de Andrade desfizeram agravos e combateram moinhos reais. Eu estava sendo triturado por um desses moinhos. E a solidariedade de alguns intelectuais brasileiros teve para mim significação extraordinária.

Refletindo bem, penso que o prêmio não foi concedido a mim, mas a várias centenas de criaturas que se achavam como eu. Não se tratou de literatura, evidentemente. O que não quer dizer que, achando a decisão injusta, como acho, eu não a considere um ato de coragem indispensável num momento de covardia generalizada, ato imensamente útil, se não a mim, pelo menos a outros que poderão respirar com alívio e dizer o que pensam” (SALLA: 2012, p.153)”

Há uma série de informações e interpretações valiosas dentro desta carta. Para além do apoio explícito de uma série de intelectuais à libertação de Ramos – que se estendera para além de seu período de cárcere – o reconhecimento do valor literário de *Angústia* extrapolava os domínios da literatura e sublinhava com precisão uma mensagem de contestação aos desmandos autoritários do governo Vargas. Há na carta, ainda, um tom

de batalha a ser enfrentada pela garantia de valores democráticos básicos, batalha essa que se acirrará em poucos meses com o golpe inaugurador do Estado Novo.

Para além do crescente recrudescimento do regime varguista, experienciado de forma direta e violenta pelo próprio Ramos, os problemas de ordem econômica enfrentados pelo autor eram absolutamente presentes e permearam todo o período em que residiu no Rio de Janeiro. Regresso aqui aos seus primeiros meses de liberdade, em carta de 21 de fevereiro de 1937, quando Graciliano conta à Heloísa sobre almoço com José Olympio, proprietário de uma das mais importantes casas editoriais do país. Nela, o autor fala sobre a possibilidade que lhe fora lançada de conseguir um emprego em São Paulo, por intermédio de Oswald de Andrade. Ramos efetivamente desdenha da possibilidade – exercitando um pessimismo que beirava o hábito – mas na semana seguinte escreve nova carta já em terras paulistanas, afirmando ter sido quase impelido a acompanhar José Lins do Rego na viagem com endosso de Manuel Bandeira e Alphonsus de Guimaraens. Ao contar sobre reuniões e banquetes que participara com a elite da capital paulista, o autor relata, de forma irônica, que chegara a ficar encabulado com os elogios à *Caetés* e *Angústia*, até que se lembrara que estava em São Paulo, “onde esta história de literatura não é muito melhor que em Maceió” (RAMOS: 1984, p.179). De fato, o emprego prometido a Ramos por Oswald de Andrade viria através de Sérgio Milliet, o qual Graciliano acabou por não conseguir encontrar e, por fim, nada se concretizou. De volta ao Rio, lhe sobrara a encomenda de escrever uma reportagem sobre a viagem, como afirmara em nova carta, de 3 de março de 1937. (RAMOS: 1984)

Uma semana antes, ainda em São Paulo, o tom despreocupado usado nas cartas à Heloísa desaparece quando se lê a nova carta endereçada a Benjamin de Garay. Em 26 de fevereiro de 1937, o autor desculpa-se pela demora em responder e emenda de forma ácida e irônica:

“É que ando aperreado, chateado, indignado com a obrigação de pagar casa, comida, bonde, roupa, café e outras inconveniências. Eu vivia livre de todos os aborrecimentos. O governo do meu país é um governo sábio e algumas vezes nos fornece mesa, cama, transporte e boas conversas, tudo de graça. Você não acha que é safadeza sustentar um cidadão durante um ano e de repente mandá-lo embora, desempregá-lo sem motivo? Foi o que me aconteceu. (...) Agora preciso dar dinheiro à mulher da pensão e aumentar os lucros da Light. Para isso tenho de explorar alguém ou qualquer coisa e ser explorado pelo dono do jornal e pelo editor” (MAIA: 2008, p.45)

O tom quase corriqueiro utilizado por Ramos para relatar à Heloísa sua viagem à São Paulo contrasta fortemente com o da carta escrita a Garay. É a partir do cruzamento de ambas que se torna possível perceber parte da complexidade do exercício do ofício de escritor durante os anos de 1930. A oferta de um posto de trabalho a Ramos na capital paulista referenda o argumento de que, apesar da crescente do mercado editorial e da imprensa, era absolutamente comum, para não dizer necessário, que intelectuais tivessem uma ocupação para além do ofício de escrever. Em meio a autores que também eram médicos, advogados, engenheiros ou funcionários públicos, era raro encontrar quem se valesse apenas de seu trabalho intelectual como forma de sustento. Assim, apesar de Ramos querer colocar a literatura como centro de sua vida produtiva, a situação pouco permitia que sua vontade se concretizasse e as buscas pelas publicações em jornais prosseguia, seja em artigos, crônicas ou contos.

É justamente entre março e abril de 1937 que o autor começa a publicar com maior frequência na imprensa nacional, apesar de ressaltar sistematicamente a instabilidade e as dificuldades de se contar com as encomendas dos jornais. Além disso, a auto-crítica exacerbada de Ramos colocava entraves à sua produção e, não raro, o autor escrevia à sua esposa reclamando de seus períodos de improdutividade – ou da má qualidade do que conseguia produzir – a ponto de afirmar que lhe faltava coragem para remeter seus textos aos periódicos. Um exemplo significativo disso é a publicação do conto *Paulo*, já mencionado aqui, em *O Jornal*. Ramos acreditava que a qualidade do conto era tão ruim que não tivera coragem de ir buscar o pagamento de 100 mil réis na redação da folha, pedindo, por fim, ao artista plástico e amigo Tomás de Santa Rosa para que fosse buscar o dinheiro, como relata em carta à sua esposa, datada 22 de abril de 1937 (RAMOS: 1984). Apesar das sistemáticas crises, talvez seja relevante ressaltar que ainda assim o autor demonstrava alguma dose de otimismo ao afirmar a possibilidade de se arranjar financeiramente com a escrita de contos, ao contrário das suas esperanças com sua produção como cronista, gênero no qual se achava miseravelmente incapaz de trabalhar. “Não desanimo, mas realmente isto é pau” dizia o Velho Graça, em nova carta à Heloísa, datada 11 de abril de 1937 (RAMOS: 1984, p.197).

Diante deste breve panorama, acredito que não seja coincidência a publicação da crônica *Um amigo em talas* justamente neste período. No texto, Graciliano conta a história de seu companheiro de pensão, o intelectual Amadeu Amaral Júnior. O sujeito é descrito como detentor de hábitos singulares, sempre maltrapilho, acostumado a passar

as noites a escrever artigos para jornais. Tempos após mudar-se da pensão, o narrador afirma se deparar com o seguinte anúncio num jornal: “Intelectual desempregado. Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido. Também aceita trabalho” (RAMOS: 1979, p.125)

O mês de abril foi especialmente movimentado para Graciliano Ramos. *A Terra dos Meninos Pelados*, feito especialmente para concorrer ao Prêmio de Literatura Infantil do Ministério da Educação, saíra com o terceiro lugar, rendendo algum dinheiro. Também foi em abril que uma das críticas literárias mais emblemáticas escritas por Ramos, após sua saída da prisão, seria publicada, com grande repercussão na imprensa do período, sobretudo no âmbito da crítica literária. *Norte e Sul* sai em 25 de abril de 1937 e é um verdadeiro manifesto de Ramos em favor de um tipo de literatura o qual considerava a única verdadeiramente legítima, isto é, a que tivesse como fonte de matéria-prima o que o autor considerava a realidade, sobretudo, o cotidiano de exploração das classes populares. “A miséria é incômoda.” (RAMOS: 1979, p.135) replicava o autor e mais à frente emendava:

“É bom não contar que a moenda da usina triturou o rapaz, o tubarão comeu o barqueiro e um sujeito meteu a faca até o cabo na barriga do outro. Isso é desagradável. É mesmo. É desagradável, mas é verdade (...) Não há grupo do norte nem grupo do sul, está claro. Mas realmente os nordestinos têm escrito inconveniências. Pois não é que o sr. Amando Fontes foi dizer que as filhas dos operários se prostituem?” (RAMOS: 1979, p.136)

Ao defender Amando Fontes e seu livro recém-lançado, *A rua do Siriri*, Ramos advogava em favor de um tipo de literatura praticado por autores como José Américo de Almeida, Jorge Amado, José Lins do Rêgo e Rachel de Queiroz. Advogava em favor do que acreditava ser não de uma literatura nordestina e regionalista – ou do norte – mas de uma literatura que buscasse desvelar, sobretudo, a constante situação de instabilidade estrutural das classes populares. Para Graciliano não havia uma produção literária nortista e outra sulista. O autor recupera ironicamente esta classificação, atribuída por outros intelectuais, para desestabilizá-la e afirmar que a questão se centrava, de fato, em pessoas que “gostam de escrever sobre coisas que existem na realidade, [e] outras que preferem tratar de fatos da imaginação” (RAMOS: 1979, p.135) e estes últimos sempre se concentrariam em amenidades e diletantismos incapazes de produzir uma literatura verdadeira, em que os protagonistas deveriam ser pertencentes às classes populares.

As reações vieram ora de forma difusa, ora de forma direta. Alguns críticos preferiram tratar da literatura em um panorama mais abrangente, debatendo a produção dos escritores nordestinos, que circulavam em abundância pelas editoras naquele momento. Outros responderam de forma direta a Ramos, como Octávio de Faria, que vai à primeira página de *O Jornal*, num artigo de 30 de maio de 1937 intitulado *O defunto se levanta*, acusar o “Sr. Graciliano Ramos de ser contra a liberdade de criação, limitando o romance à narração dos casinhos cotidianos da vida do interior do Brasil”.<sup>5</sup> A contenda de fato se arrastaria e Ramos parecia ter decidido assumir uma postura de enfrentamento. Já em julho de 1937, o autor publica uma crítica homônima à série que Newton Freitas estava publicando nos jornais, intitulada *Porão*. A série de Freitas contava sobre a rotina na Colônia Correcional de Dois Rios.

Ramos inicia seu artigo tecendo elogios ao autor, afirmando a expectativa de ver a história transformada em livro e enaltece a linguagem simples utilizada por Freitas. O autor segue e imediatamente alfineta, ainda no início de sua crítica:

“Digamos que não se trata de literatura. Esta palavra no mundo inteiro exprime qualquer coisa séria, mas aqui se acanhou desgraçadamente. *Porão* é muito boa literatura, mas, para não prejudicá-lo, convençam o público de que é apenas reportagem”. (RAMOS: 1979, p.97)

A ironia de Ramos vai ganhando notas de acidez ao passar das linhas até chegar num duplo movimento, o de denunciar os horrores passados na prisão – reafirmando a realidade nos escritos de Freitas a partir de sua experiência – e estende-se para uma crítica severa à parte dos literatos do período:

“Andamos muito tempo fora da realidade, copiando coisas de outras terras (...) Seria ótimo que todos os romancistas do Brasil tivessem passado uns meses na Colônia Correcional de Dois Rios, houvessem conhecido as figuras admiráveis de Cubano e Gaúcho. Podem tomar isto como perversidade. Não é. Eu acharia bom que os meus melhores amigos demorassem um pouco naquele barracão medonho. É verdade que eles sofreriam bastante, mas talvez isto minorasse outras dores complicadas que eles inventam. Existe ali uma razoável amostra do inferno – e, em contato com ela, o ficcionista ganharia.” (RAMOS: 1984, p.98)

Em meio a essa contenda, que ainda não se encerraria, cabe fazer uma pausa, para retomá-la mais à frente. Neste entremeio, talvez buscando colocar em prática os

<sup>5</sup> *O Jornal*, 30 de maio de 1937, Quarta Seção, p.1

paradigmas que andava a defender tão vorazmente, Ramos escreve *Baleia*. Era o quarto conto já finalizado sobre o que daria origem ao romance desmontável, como classificaria Rubem Braga, que no início não se pensava livro. No meio da empreitada da escrita, o autor decide que os lançaria num só volume, mas continuaria publicando-os de maneira separada, remetendo-os a vários periódicos por conta das habituais pendências financeiras. Em carta de 7 de maio de 1937 à Heloísa, *Baleia* é apenas uma das questões presentes. Inicialmente, o autor tratava com impaciência da cobrança feita por sua esposa para se mudar logo para o Rio de Janeiro. Ramos responde afirmando que não possuía condições de mantê-la com os filhos na capital do país e que se a distância fosse assim insuportável, dramatizava afirmando que abandonaria tudo e voltaria para Alagoas, e não se falaria mais de literatura. Provavelmente, certo da efetividade de sua argumentação, o autor logo muda de assunto e relata com cuidado o processo de criação de *Baleia*, cuidado esse que até então não aparecera com outros textos produzidos.

Ao descrever *Baleia*, Graciliano diz ser, por um lado, um conto sobre a morte de uma cachorra, e por outro, uma busca por adivinhar o que se passava na alma de uma cachorra, e se cachorro possuísse alma pouco importava:

“O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. (...) É a quarta história feita aqui na pensão. Nenhuma delas tem movimento, há indivíduos parados. Tento saber o que eles têm por dentro (...) mas estudar o interior duma cachorra é realmente uma dificuldade quase tão grande como sondar o espírito dum literato alagoano (...) Enfim, parece que o conto está bom, você há de vê-lo qualquer dia no jornal” (RAMOS: 1984, p.201-2)

É interessante comparar, mais uma vez, o contraste que se dá, desta, com a carta enviada a Garay, também sobre este conto, em 11 de maio de 1937. Nela, Ramos é mais sucinto e já arrematava:

“Será que bicho tem alma? Deve ter qualquer coisa parecida com isso, qualquer coisa que dê para a gente receber um cheque (...). Veja se a alma da minha cachorra vale alguns pesos aí, numa redação ou sociedade protetora de animais.” (MAIA: 2008, p.49).

*O mundo coberto de penas*, o primeiro título sugerido ao conjunto das histórias destes sertanejos seria finalmente publicado, em 1938, com o nome *Vidas Secas*. Voltemos à contenda travada por Graciliano em torno da produção literária no país. Os debates continuavam a se desenrolar na imprensa e Ramos chegara a ser acusado, na seção

*Assumptos Portuguezes* da *Gazeta de Notícias* de 1o. de setembro de 1937,<sup>6</sup> de tentar fundar uma nova corrente dentro do cenário literário nacional chamado “romance econômico”, e este estaria em completo descompasso com o tempo presente, da mesma forma que estavam o romance histórico, o romance psicológico e o romance de viagem, por conta de seu caráter particular.

A todo esse debate que permeava os jornais, inflamado pelas críticas contidas em *Norte e Sul* e reafirmado pela resposta dada através da crítica aos escritos de Amando Fontes, Ramos elabora um terceiro texto, ainda mais direto e incisivo chamado *Os donos da literatura*. Através dele, declarava que o ponto central de toda esta questão residia no fato de haver, no Brasil, uma literatura da elite, feita para a elite e para o estrangeiro, e que pouco produzia. Por outro lado, também havia uma literatura feita por verdadeiros escritores, muito pouco habituados a cerimônias e solenidades, mas que produziria, nas palavras de Ramos, uma literatura efetiva (RAMOS: 1984, p. 100). O autor ainda afirmava que, enquanto os proprietários da literatura nacional se travestiam da alcunha de literatos para representar a inteligência brasileira internacionalmente – através de uma literatura honorária e oficial – os verdadeiros escritores nacionais por aqui andavam mal vestidos, moravam no interior ou no subúrbio, viajavam de bonde, além de dar cabo de escrever. A partir deste diagnóstico, Ramos propõe uma saída irônica ao tratar destes dois tipos de literatura:

“Já que a primeira, constituída pelos patrões, é bem alimentada e não produz, e a segunda, a da gatinha, trabalha com a barriga colada no espinhaço, podiam entender-se. A primeira daria um salário (ou ordenado, que é o nome decente) à segunda, e esta faria livros que, com alguns consertos na ortografia e na sintaxe, poderiam ser assinados por ministro, conselheiro, desembargador e outros letrados deste gênero” (RAMOS: 1984, p. 101)

Este seria o terceiro texto publicado por Ramos a tratar diretamente da produção literária nacional, colocando-a dentro de uma dupla perspectiva elaborada pelo autor: a primeira residia substancialmente na artificialidade da literatura que se produzia no país – o que se ligava diretamente à linguagem utilizada pelos autores na feitura de seus textos; a segunda incidia sobre a falta de perspectiva e estabilidade econômica que afligia os intelectuais que não mantinham outras profissões para além do ofício de escrever, configurando uma divisão explícita entre duas categorias de intelectuais: a “dos patrões”

<sup>6</sup> *Gazeta de Notícias*, 1o. de setembro de 1937, p.2

e a “da gatinha”, para retomar o próprio Ramos. Desta forma, a crônica consegue condensar alguns pontos pelos quais esse trabalho tentou se debruçar.

Através da experiência de Graciliano Ramos buscou-se perseguir a forma como escritores do período manejavam suas redes de sociabilidade para sobreviver no Rio de Janeiro, ao passo que se tentou perceber, também, a forma como esta sobrevivência se vinculava sobretudo à obtenção de outros postos de trabalho concomitantes ao ofício de escritor. Apesar da crescente no mercado editorial e nas vagas oferecidas aos intelectuais na imprensa, e este último aspecto seria incrementado com o início do Estado Novo, viver da literatura que se produzia ainda era um desafio.

O outro ponto a se destacar reside na militância assumida por Ramos, especialmente a partir de 1937, em defesa de uma literatura que considerava verdadeiramente nacional, baseada na realidade do cotidiano das classes populares e na constante situação de instabilidade e exploração em que viviam. Este seria objeto explícito dos esforços do autor pelo restante de sua vida, e uma série de textos importantes continuariam a ser escritos tratando tanto da produção literária nacional, como tomando parte em debates entre intelectuais na imprensa, sempre na defesa de sua literatura interessada, para usar a expressão do próprio Ramos, Estado Novo adentro. Se estes esforços se tornavam cada vez mais evidentes na imprensa, a maior defesa elaborada por Ramos, acredito, saiu também nas folhas dos jornais, com a publicação dos contos que compuseram *Vidas Secas*, publicado como livro em 1938.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, Denilson, *Letras Militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*, Tese de Doutorado, Campinas, IFCH/UNICAMP, 2001

CÂNDIDO, Antonio, *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*, Rio de Janeiro, 1992.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida; PEREIRA, Leonardo (org), *História em coisas miúdas: capítulos de história social na crônica no Brasil*, Unicamp, Campinas/SP, 2005.

CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo (orgs); *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

DUTRA, Eliana de Freitas, “Seremos universais, porque nacionais” em GOMES, Angela Maria de Castro (org), *Olhando para Dentro (1930-1964)*, Rio de Janeiro, Objetiva e Fundação Mapfre, 2013

GOMES, Angela Maria de Castro, *História e historiadores: política cultural do estado novo*, 2ª Edição, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1999.

LAHUERTA, Milton, “Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização” em COSTA, Wilma, LORENZO, Helena, *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*, São Paulo, UNESP, 1997.

MICELI, Sérgio, *Intelectuais à Brasileira*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SALLA, Thiago Mio, *Garranchos: textos inéditos de Graciliano Ramos*, São Paulo, Record, 2012.

### **Fontes**

MAIA, Pedro Moacir, *Cartas Inéditas: de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro*, Edufba, Salvador, 2008.

RAMOS, Graciliano, *Angústia*, 59ª Edição, Record, Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_, *Cartas*, 4ª Edição, Record, Rio de Janeiro, 1984.

\_\_\_\_\_, *Caetés*, 27ª Edição, Record, Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_, *Linhas Tortas*, 7ª Edição, Record, Rio de Janeiro, 1979.

\_\_\_\_\_, *Memórias do Cárcere*, 43ª Edição, Record, Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_, *S. Bernardo*, 92ª Edição, Record, Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_, *Vidas Secas*, 120ª Edição, Record, Rio de Janeiro, 2013.

